

BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XIX — No. 2

Fevereiro de 1978

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Dr. Werner Klein - Cirurgião Dentista - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. - Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Imobiliária "DL" Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XIX

FEVEREIRO DE 1978

Nº. 2

— S U M Á R I O —

	Página
DOIS NUMES TUTELARES DE BLUMENAU	34
A ESTRADA DA SERRA — BLUMENAU-CURITIBANOS	40
ESTANTE CATARINENSE	44
FIGURAS DO PASSADO	44
PE. JACOBS E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA	48
UM CLUBE DE FUTEBOL E SEU HINO	50
REVISTA FILATÉLICA DE BLUMENAU CIRCULA COM O Nº. 22	51
O DECRETO IMIGRATÓRIO 5.663 E O DR. BLUMENAU	52
"MINHA ESTADA NA COLÔNIA DA FRANCISCA"	56
A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM	60
MENSAGENS QUE CONFORTAM	63
DR. OSWALDO RODRIGUES CABRAL	64

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: Honorato Tomelin — Redação: José Gonçalves

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 50,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

DOIS NUMES TUTELARES DE BLUMENAU

José E. Finardi

Com a extinção da Colônia e subsequente criação e instalação do Município de Blumenau e posterior eleição da primeira Câmara Municipal, o Dr. HERMANN BLUMENAU, depois de 32 anos de sacrifícios sem conta, decidiu regressar definitivamente a Brunswick, sua terra natal.

A 14 de agosto de 1844, véspera de sua partida, cheio de ressentimentos pelas inúmeras injustiças sofridas, pobre, sem mesmo qualquer manifestação de reconhecimento por parte dos novos dirigentes e autoridades da comunidade que fundara e por cujo desenvolvimento tanto lutara, — uns poucos amigos, no entanto, reunidos na séde da Colônia, tributaram-lhe significativas homenagens de despedida, ocasião em que o vigário da Paróquia Pe. José Maria Jacobs, proferiu comovente discurso de gratidão ao abnegado iniciador e fundador de Blumenau.

Se por um lado esse gesto foi surpreendente, por outro foi edificante, ter sido Pe. Jacobs o promotor da homenagem. É que, de índole ranzinza e intolerante, vivia às turras com o Dr. Blumenau de-

CAPA — Estampamos, na capa, a fotografia dos integrantes da primeira equipe de futebol de Blumenau. A formação da mesma ocorreu por volta do ano de 1903, tendo a primeira partida de características internacionais se realizado em 1905, contra uma equipe de marinheiros de uma belonave alemã que atracara no porto de Itajaí. Essa equipe fazia parte da Sociedade de Ginástica de Blumenau, a qual, mais tarde, transformou-se na Sociedade Desportiva Blumenauense e, posteriormente, no Gremio Esportivo Olimpico. Os craques que formaram na equipe evidentemente composta de onze jogadores dos quais nove são vistos na foto desta capa, eram, da esquerda para a direita, de pé: 1) um certo Kraemer, alemão nato, que pouco depois, regressou à sua pátria; 2) Bruno Hindelmeyer; 3) Antonio Fischer; 4) Franz Elohm; 5) Osvaldo Hindelmeyer; 6) Felipe Brandes. De joelhos: 1) Felix Landgraf; 2) Alfredo Eicke e 3) G. Arthur Koehler. A fotografia que reproduzimos no clichê, faz parte das peças catalogadas no Museu da Família Colonial, da Fundação "Casa Dr. Blumenau", sob o nr. 609 .

nunciando-o seguida e infundamente às autoridades superiores, quer as do Império no Rio, quer as da Província, em Desterro.

O Dr. Blumenau, sempre cordato e compreensivo, ia suportando as injustas maquinações do Padre até um dia extravasar — o que fez através de carta manuscrita, constante de nosso arquivo e que a seguir transcrevemos, em excelente tradução literal feita pela magnífica historiadora blumenauense Da. Cristiana Deeke Barreto, a quem agradecemos pela nímia gentileza.

Sabendo-se que o Dr. Blumenau raramente se utilizou do idioma alemão em todos os documentos e correspondência da Colônia, pode-se facilmente deduzir que, se nesta oportunidade dele se utilizou, foi logicamente para melhor se expressar no refutamento das aleivo-sias de que era vítima.

Dos termos da extensa carta inédita, se pode também deduzir a personalidade extraordinária do Dr. Blumenau que excessivamente austero, era homem sério, prudente, extremamente cuidadoso no manejo do bem público, avesso às intrigas e injustiças e sobretudo verdadeiro.

Em próximas edições, daremos publicidade a outros documentos históricos, pelos quais se infere que o Dr. Blumenau e Pe. Jacobs, esses dois numes tutelares dos primórdios de Blumenau, brigavam constantemente mas constantemente estavam unidos quando em jogo os superiores interesses dos povoadores blumenauenses.

Blumenau, 24 de dezembro de 1877

Senhor Pastor Jacobs,

NESTA

Quando eu, na noite antes de ontem, disse sem rancor se bem que muito decididamente que V. S. teria apresentado o meu procedimento às instâncias superiores, ou seja aos meus superiores, como suspeito e condenável, não tendo observado nisso estritamente a verdade, V. S. achou por bem exigir-me imediatamente os comprovantes, desta minha afirmação, tendo apresentado uma cena, como eu, nesta forma, raras vezes assisti, por eu ter-me negado de dá-las na ocasião, por estar cansado e sonolento, como acontece sempre à noite, como V. S. mesmo não deveria ter insistido com tanta insistência, se quisesse ser um pouco compreensivo, porque eu, em segundo lugar não pude atender, porque os respectivos papeis — as interpretações e errôneas de V. S. eu não os guardo na minha casa particular e sim na chancelaria da Direção. Neste momento, eu os tenho diante de mim e com isso o comprovante das minhas afirmações, pelas quais V. S. sentiu-se tão insultado, sem antes consultar a sua memória, quais teriam sido as palavras empregadas, dando-lhe conhecimento, ainda que as autoridades superiores, caso sejam-lhes apresentado queixas e suspeitas contra seus subordinados, não agem "independentemente" — como V. S. na sua carta de ontem, mas procedem leal e correta-

mente, integrando os acusados das queixas recebidas, dando aos mesmos assim, oportunidade de justificações, tomando apenas um conhecimento superficial de queixas e insinuações, sem ouvir — ou apenas parcialmente o acusado condenando-o, — isso pode ser justiça de inquisição romana, mas a este ponto — graças a Deus! nós ainda não chegamos no Brasil!

Quero declarar ainda que eu não tenho por costume ou gosto, fazer acusações pelas costas, mas na presença tratar estas pessoas atingidas com gentileza e atenções, quando eu, na melhor compreensão e consciência, julgar-me de infalível não me ocorrer e, a qualquer réplica concedo o mesmo direito que eu reclamo para mim! — me sinto na obrigação de acusar, acreditando estar agindo conforme o meu dever, não faço uso de viseira e concedo ao acusado a defesa, sem tomar em consideração quaisquer relações particulares com o mesmo, enquanto a causa não tenha tido solução definitiva; talvez não seja nem gentil nem muito agradável, e, entretanto, o procedimento legal e correto, dando consciência a cada um das intenções do outro. — V. S., Senhor Pastor, parece orientar-se por outras diretrizes e, possivelmente estar certo de seu ponto de vista, pelo modo e maneira que V^a. S^a. achou por bem referir-se, diversas vezes, às instâncias Superiores contra mim, eu, de meu ponto de vista, só posso estranhar ter V. S. me procurado na minha residência particular! Agora ao assunto:

V. S., Senhor Pastor, requereu às autoridades superiores a entrega de áreas de terra por esta Diretoria, as quais o vizinho de V. S. Sr. Freygang que —isso à parte — na composição e despacho do respectivo requerimento já é falecido — estaria ocupando, **QUE AS MESMAS, ENTRETANTO, PERTENCIAM À IGREJA**, que mencionado Freygang deveria recuar a sua cerca à linha de demarcação, estabelecida pela Comissão de Medição (de Terras), restituindo, assim, à propriedade paroquial importante pedaço de terra, que a esta pertencia, pois mesmo que dentro de algum tempo, no mesmo terreno seria aberta uma rua — a “rua da Matriz”, o que, entretanto, não parecia provável, por ter sido aberta uma **RUA NOVA NAS TERRAS PERTENCENTES À IGREJA, SÓ POUCAS BRAÇAS DISTANTE DA PROJETADA RUA DA MATRIZ**, assim poderiam, pelo menos até então, a escola e igreja aproveitar a faixa de terras, da qual muito estariam necessitando, e à posse da qual teriam direito. — Nisto não confere que o Sr. Freygang, ou os seus herdeiros teriam em uso o que, **POR DIREITO ESTARIA PERTENCENTE À IGREJA**, — com exceção de uma ponta que outr’ora de fato fora incluída pela cerca, além da linha de demarcação da rua, o que, porém, atualmente não mais acontece, por ter sido a cerca recuada devidamente, como também que as duas ruas projetadas e previstas, de ambos os lados da propriedade da igreja, apresentariam o mesmo caso e que, desta maneira, o pároco teria o direito de aproveitamento ou posse das respectivas terras e, final-

mente, que as duas ruas estariam "distantes só algumas braças" uma da outra. Agora, com o recuo da cerca pelos herdeiros Freygang, à linha demarcada para a rua, o sr. Pastor não está de posse plena apenas da propriedade de terras da igreja, como ainda ocupa uma parte lateral da rua d'Abrantes, porquanto ainda não tornou-se necessária ou proveitosa a implantação desta via pública. As "só algumas braças distantes" importam 60 1/2 — sessenta e meio igual a 133 metros de largura, a de um lote colonial não muito pequeno; estando as instâncias superiores de posse do mapa da propriedade paroquial, ser-lhes-á fácil, com compasso e régua — escala à mão, medir a veracidade das exposições de V. S.

Neste capítulo quero ressaltar ainda que enquanto a disposição original, conforme consta também na planta para o centro urbano, de 1859, a área territorial da igreja importava e deveria ter 45 braças de confronto à rua Geral, e que o chão, então, era minha propriedade PARTICULAR, a medida atual ao longo da rua é de 60,5 braças, sendo também a área total maior do que a projetada, como as duas ruas laterais representam faixas absolutamente independentes desta área, constituindo-se e permanecendo inalteravelmente, propriedade pública ou estadual — a Direção apenas não interferiu no abuso de aproveitamento destas terras, enquanto as autoridades competentes, ou seja a futura Câmara Municipal, não se empenharem nas mesmas ao uso público, pleno e absoluto .

O mesmo ocorre com o triângulo à beira do rio, que constitui o acesso da margem do rio à rua, — se os herdeiros Freygang dele fizeram uso ou não caso o aproveitarem, entretanto, significaria apenas uma compensação pelos cuidados e despesas que dispensaram e tiveram com as folhagens nele existentes, parcialmente plantadas por mim mesmo, ou doadas, — V. S., senhor Pastor, ocupa da mesma forma, o terminal da rua d'Abrantes, que dá à beira do rio.

V. S. acusou também esta Direção, de ter concedido verbas de auxílio a colonos, que vivem no concubinato, baseando-se em simples declaração dos mesmos, de pretenderem casar-se, tendo eu incentivado, com esse "inqualificável abuso", a convivência pública em concubinato, ocorrendo tal falta até entre católicos, aqui estabelecidos. Ignoro quais sejam as dimensões compreendidas por V. S. sob "proporções assustadoras", sei, entretanto que, a situação neste sentido, não é pior, nesta Colônia, do que em muitas outras regiões do Brasil, como eu, chegando tais casos a meu conhecimento, sempre tomei atitudes de advertência e desaprovação. Absoluta inverdade constitui a declaração de V. S., que a Direção da Colônia seria a culpada de tais ocorrências, por CONCEDER, nestas circunstâncias, cotas de auxílio, como V. S. empregasse o presente e não o pretérito, as instâncias superiores só podiam supor, que estaria-se tratando da época atual, senhor Pastor, desde a chegada de V. S. no ano passado, enquanto o mencionado escrivão auxiliar, Wredem, que fora também o escrivão do juizado de paz e, nesta qualidade, o encarregado do Registro Cível,

já não estava mais a serviço desta Direção — data a última fixa por ele expedida, aceita e conferida por nós e arquivada, ainda da época anterior da chegada de V. S.. Tomando conhecimento de tais abusos, também acabei com os mesmos. Aos recém-chegados colonos pagava e paga-se as cotas de auxílio que lhes competem, conforme o estado civil de cada um, por ocasião da chegada dos mesmos, cabendo aos solteiros um aumento quando casarem. Resolvendo eles viverem em concubinato, ou de juntar-se a mulheres, raras vezes a Direção fica sabendo do caso, como aliás, também não tem meios para impedi-los, podendo unicamente advertir.

A Diretoria tem por obrigação guiar-se pelas relações recebidas sobre os imigrados — se nestas constarem como famílias, pessoas apenas amigadas, não é a Direção desta Colônia que cabe a culpa, pois esta precisa agir conforme o Regulamento estabelecido.

Também acusa-me V. S. de eu ter-lhe comunicado, através de simples ofício de 21 de setembro, de V. S. não mais poder dispor da propriedade paroquial, como erigir quaisquer construções na mesma, sem licença prévia. Aconteceu, entretanto, ter eu transmitido, apenas, a cópia do Sr. Presidente da Província, emitido em estilo de gabinete, por não querer arrogar-me o direito de impor condições a V. S., cuja decisão não seria de competência da Direção da Colônia.

Com isso, Senhor Pastor, comprovei de sobra, não ter V. S. usado estritamente da verdade, nem feito exposições objetivas, poderia para isso ter bastado a minha declaração verbal, para V. S. não interpretar como mentira e injúria, o que eu lhe disse a este respeito, o que tanto chocou a V. S. Não precisava eu ter-me empenhado em demonstrar-lhe as diversas insinuações dúbias, nas quais V. S., Senhor Pastor, deleitou-se. Não tenho tempo e nem prazer em tal ocupação, ainda à noite, procuro encarar o acontecido apenas como mais um enriquecimento de minhas vastas experiências, ainda que falhas, entretanto, no critério às pessoas e ao caráter das mesmas. Como homem de paz e ocupações proveitosas — assim eu escrevi — há anos, ao Sr. Pastor Gattone, prefiro dedicar-me a assuntos úteis, necessários e bons, etc. Não poderia, assim, concordar com a construção de uma Casa de Hospedagem — no MODUS VIVENDI, pretendido por V. S., no terreno pertencente à Igreja e paróquia, conforme V. S. expôs-me naquela noite. No meu humilde critério, Senhor Pastor, eu só poderia aprovar um plano, baseado na Lei, com o consentimento e colaboração das autoridades competentes que, principalmente num ARRENDAMENTO HEREDITÁRIO, deveriam regulamentar os direitos e obrigações das diversas partes, de maneira precisa e de acordo com as Leis do país. Esta base eu já aconselhei e discuti, faz anos, com o colega de V. S., o sr. Pastor Boegershausen, — eu não tinha nada contra, mesmo que o planejado não nos parecesse fácil, em consideração de diversos impecilhos, que deveriam ser vencidos no decorrer do tempo, como não poderíamos desconhecer que, dificuldades e contratempos não deixariam de surgir .

Expondo, entretanto, a idéia a V. S., Senhor Pastor, V. S. regeitou-a com tanta indignação moral, prevendo o aparecimento de outros ramos de comércio neste estabelecimento na propriedade paroquial, que não vi motivo de voltar ao assunto junto a V. S.. Tanto mais eu estranhei e admirei-me, quando o boato referente ao estabelecimento de uma Casa de Hospedagem no terreno da igreja, foi-me confirmado por V. S.. Evitei, entretanto, envolver-me novamente no assunto, além daquilo que o meu cargo exige e impõe, tendo-o recomendado, como também a V. S., às instâncias superiores quanto mais eu mesmo não tinha certeza do alcance e desempenho LEGAL e VÁLIDO, neste sentido. O projeto imaginado como muito simples, talvez, por V. S., apresentando-se, na verdade, como coisa bastante embaralhada, estando convicto, apenas, que nem V. S., como capelão, nem eu, na minha qualidade de Diretor da Colônia, teríamos competência e autorização de decidir sobre as formas legais de contratos com terceiros. Além do mais, V. S. havia achado por bem de não fazer à Direção a menor menção, sequer em relação às CONDIÇÕES LEGAIS tanto ao construtor, proprietário ou qual seja a denominação nesta ocupação temporária do terreno paroquial — atualmente representado por V. S., como quais seriam os compromissos de um lado e concessões aos HERDEIROS e SEGUIDORES legais do primeiro.

Não tenho tempo para considerar o assunto dos diversos pontos de vista visíveis, como não tenho conhecimentos suficientes das leis atinentes ao caso, mas esclareço ter comunicado às instâncias superiores, que eu teria proposto o arrendamento de parte da propriedade paroquial, através da AUTORIDADE COMPETENTE, de comum acordo com o pároco e da direção da Colônia, através de contratos, estabelecendo direitos e obrigações, legais e juridicamente fundamentados, para, dentro do possível prevenir contra futuras brigas e desavenças que, mesmo assim, provavelmente não faltarão, mas, principalmente, para não oferecer base a demandas judiciais.

Acontece que eu ignoro, qual seja a instância competente no caso, creio, apenas, que exista, como deve existir, mas que tais assuntos não podem depender, em primeiras instâncias, nem do Diretor, nem do Pároco, é evidente.

Possivelmente caiba o seu desempenho ao Promotor das Capelas, autoridade que eu até pouco tempo atrás, desconheci a existência da mesma. As autoridades superiores deverão decidir no assunto, caso acatarem a idéia. Com muita urgência, certamente, não agirão, em tal caso secundário. Não seria ruim, se V. S. dirigisse, NESTE SENTIDO, outra vez com requerimento ao Inspetor Geral de Terras e Colonização, juntando um abaixo-assinado dos colonos católicos. O assunto levaria, assim, novo impulso, implicando em economia de tempo, como seria bom, mandar este requerimento primeiro a mim, para as informações de praxe, quando eu então o encaminharia às respectivas autoridades competentes, em vez de mandá-lo primeiro ao

Rio, de onde voltaria para cá com este objetivo. Poderia eu, então, referir-me às minhas informações anteriores, quanto ao arrendamento hereditário e consideração das propostas do pároco.

Com isso considero por encerrada a minha correspondência particular sobre o assunto e tudo que a ele se refere, quanto mais que o meu tempo e estado de saúde, muitas vezes, não chegam para dar conta de minha correspondência oficial, da maneira como foi o meu costume.

Termino, juntando a carta do sr. Pastor Boegershausen anexa à última missiva de V. S.

Devotamente

(as) Dr. H. Blumenau.

A ESTRADA DA SERRA — BLUMENAU - CURITIBANOS

EXPLORAÇÃO DE SEU TRAÇADO, NOS ANOS DE 1863 A 1867.

por FREDERICO KILLIAN

Em volumes anteriores "Blumenau em Cadernos" já publicou vários artigos sobre este assunto e voltamos desta feita com um interessante relato que nos foi legado pelo Frei Estanislau Schaette, O.F.M. em apontamentos tomados no ano de 1930, quando entrevistava um dos integrantes de uma das turmas exploradoras.

Não tendo alcançado êxito as tentativas de explorar um traçado para esta estrada, na rota de Blumenau ao planalto, e isto mais por falta de recursos materiais disponíveis no momento, do que por falta de competência, ânimo e coragem dos exploradores chefiados pelo engenheiro Emilio Odebrecht, a primeira em 1863 e a segunda alguns anos mais tarde, o Dr. Blumenau ordenou que se fizesse esta tentativa por itinerário inverso, isto é, a turma exploradora deveria iniciar os seus trabalhos de abrir a picada a começar pela mata virgem no alto da serra, vindo da cidade de Curitiba, com a finalidade de encontrar a confluência dos Rios do Oeste e do Sul, por um dos seus afluentes mais indicados e descer até Subida e alcançar Blumenau pela rota já explorada anteriormente. Sobre esta exploração um velho colono, Wilhelm Michel, fez um relato ao Frei Estanislau Schaette, O.F.M. que o nos transmitiu num rascunho das anotações feitas ao entrevistar o referido membro desta turma exploradora, e que redigiu nos seguintes termos:

'A primeira viagem de Blumenau — Lages — Curitiba — Blumenau. Segundo apontamentos feitos por Frei Estanislau Schaette, O.F.M. (Segue a transcrição do relato.....)

A PRIMEIRA VIAGEM DE BLUMENAU LAGES — CURITIBANOS — BLUMENAU

Segundo apontamentos feitos por Frei Estanislau Schaette, O.F.M.

Foi no ano de 1867. O engenheiro EMILIO ODEBRECHT voltara do campo de guerra do Paraguay, por lhe ter acometido a febre palustre. Tendo recuperado a saúde, cobrou logo ânimo para levar a efeito o projeto que já duas vezes tinha iniciado, sem poder prosseguir, isto é, abrir a colônia de Blumenau na parte do oeste, onde a mata virgem explorada pôz muralha viva á comunicação com os municípios serranos de Curitiba e Lages.

Depois de ter conferenciado com o Sr. Wendeburg, substituto do Dr. Blumenau, fixou o seguinte itinerário: — Sairíamos da colônia para Itajaí, depois iríamos beirando o mar até o Estreito, em seguida pelo caminho do cargueiro rumariamos para Lages e, finalmente, para Curitiba, onde estava o extremo ocidental da mata virgem.

O Dr. Blumenau publicou essa notícia dizendo que necessitava de 6 homens corajosos que se oferecessem para companheiros e ajudantes do engenheiro Odebrecht nessa empresa. Ofereceram-se 60, entre os quais o chefe escolheu aqueles que mais mereceram a sua confiança.

Eram eles: Franz Mathias, Wilhelm Michels, Ernst Seide, Claus Harbs, Progmann e Carl Grube.

No ano de 1930, o veterano Wilhelm Michel era o único sobrevivente. O P. Estanislau Schaette visitou-o para obter notícias minuciosas sobre o fato heróico. O bom velhinho chamou os seus filhos e netos para que viessem ouvir esta história e contou então o seguinte.

"Blumenau e Odebrecht fizeram a escolha. Cada um de nós devia provêr-se de roupa e botas resistentes, espingarda experimentada e excelente facão. Munição e mantimentos ficavam a cargo do chefe que as arranhou em abundância. No dia 8 de Maio de 1867, partimos de Blumenau. Fizemos a nossa marcha a Lages, cerca de 500 Klms., sem novidades. Os instrumentos do agrimensor e a carga pesada colocamos em três cargueiros. O Snr. von Büttner nos acompanhou até à beira do mato de Curitiba. Em Lages fizemos uma parada de 8 dias para descansar e inteirar o nosso depósito de mantimentos. Em Curitiba pousamos na fazenda do snr. Lucindo Alves.

Tendo chegado ao ponto inicial do nosso serviço, o snr. von Büttner voltou e levou as mulas consigo e nós éramos agora os carregadores do frete todo. Cabia a cada um uma carga de 45 quilos, que levamos às costas. O senhor Wendeburg tinha prometido mandar alguns homens com víveres e uma canôa disponível à confluência do Rio do Sul e Rio Itajaí d'Oeste. Antes de entrar no mato de Curitiba, o Eng.º Odebrecht levou consigo Franz Mathias para subir um

monte alto. No cume colocaram os seus instrumentos, fez cuidadosas observações e disse resolutivo: "Em 15 dias estaremos em Blumenau".

Corajosamente começamos a nossa viagem perigosa. Era tempo de inverno o frio bem sensível e curto o dia. De manhã tomamos o nosso almoço, desarmamos a barraca e formandô fila metemo-nos mato a dentro. O engenheiro Odebrecht apontava a direção e nós, armados de facão e machado, limpavamos o mato abrindo picada. Em geral iam os seguindo a beira dos rios. Quasi não faziamos parada durante o dia. Entre as 2 ou 3 horas da tarde terminava a nossa marcha. Uns armavam a barraca onde o chefe fazia os seus apontamentos e observações diárias, outros procuravam lenha e dois serviam de cozinheiro. Nunca faltava carne verde no jantar, pois a caça era abundante. Às vezes tínhamos peixe fresco.

Todo o manjar para nós era excelente, pois a nossa fome era grande. O frio às vezes era enorme. Passamos 17 dias com chuva fina, mas dormíamos bem e bastante. Numa tarde o sr. Odebrecht quiz dar ordem para suspender o trabalho quando ouviu um ruído estranho. Mandou que nos mantivéssemos bem quietos e foi examinar o caso. Afastou-se alguns passos e viu numerosos índios na margem oposta do rio. Eles tinham vindo pelo lado de cá, tendo atravessado o rio numa árvore gigantesca que o vento tinha derrubado e que lhes serviu de ponte. Depois sumiram-se no mato. Uma vez mais prosseguimos a nossa marcha com grandes dificuldades. O terreno era quasi inacessível, enquanto a outra margem do rio oferecia-nos um caminho cômodo. "Vamos passar o outro lado" disse eu ao chefe. "Mas como chegaremos para lá?", perguntou ele, 'Façamos uma balsa' repliquei eu. "Estou de acôrdo, porém, não acho possibilidade", opinou o sr. Odebrecht. "Com alguma coragem tudo é possível", respondi. Chamei o meu amigo Franz Mathias e com êle cortei taquara grossa que havia em grande abundância; depois fomos buscar cipó e com este material fizemos a balsa que era muito leve.

Escolhemos mais dois galhos, terminados em garfo e passamos nêles entrelaçado, o cipó, para obter dois remos. Noutro dia experimentamos o nosso barco. Com geito coloquei-me numa extremidade da balsa e Franz no ponto oposto. No meio colocamos uma parte da carga. Manejamos os remos e devagarzinho nos afastamos da margem e chegamos ao outro lado. Voltamos e levamos os nossos companheiros, um por um e toda a carga. Depois abandonamos a nossa jangada e continuamos a viagem de bandeirantes.

Tínhamos passado os 15 dias de permanência à sombra da mata virgem e estávamos ainda bem longe do lugar onde deveríamos encontrar a canôa e o provimento dos viveres. Mais 10 dias trabalhamos e a nossa carga tornou-se sempre mais leve, pois os mantimentos foram-se consumindo com regularidade constante. E no dia seguinte desapareceu o resto.

Não desanimamos, porque pensávamos alcançar a cada mo-

mento a fôz do Rio Itajaí do Sul, mas só depois de 9 dias alcançamos o lugar desejado.

Não morremos de fome, porque recorremos à caça e à pesca. Fomos pela margem direita do rio Taió e depois seguimos beirando o rio Itajaí do Oeste. Alegres e cheios de esperanças chegavamos à margem esquerda do rio Itajaí do Sul. Fazia 35 dias que havíamos entrado no mato de Curitiba. Procuramos a canôa que devia estar no lugar combinado. Fomos enganados, não achamos nada. A fome torna a gente esperta. Mas sabíamos também que o snr. Wendeburg nunca faltára à sua palavra. Avançamos rio acima e deparamos um salto no rio. Um dos companheiros passou o salto e descobriu n'outro lado um pequeno rancho. Soltando um grito de alegria comunicou a nós o feliz achado. Todos corremos para lá e encontramos feijão, carne seca, farinha, sal, café, açúcar e aguardente. Agora nós eramos a gente mais feliz da terra. Pegamos no nosso prato de folha e tiramos farinha, misturando-a com agua do rio. Foi o pirão de agua fria mais delicioso que comi na minha vida. Alguns queriam repetir o prato, mas o snr. Odebrecht não consentiu, pois ele receiava que o nosso estômago enfraquecido se revoltasse. Preparamos então um jantar excelente. Matamos também algumas jacutingas bem gordas que cosinhamos com a feijoada e comemos como reis.

No dia seguinte levamos às costas a carga aumentada e seguimos o rumo beirando o rio Itajaí-açú. Passamos o Salto Pilão e o Rio Itajaí do Norte, encontramos muitos vestígios de índios. Finalmente alcançamos o rio Ilse e armamos a barraca na margem do oeste. O cosinheiro estava preparando o jantar quando ouvimos alguns tiros de espingarda. Nós respondemos logo e depois de poucos minutos surgiu à nossa frente o snr Friedenreich com alguns companheiros, mandados pelo Diretor à nossa procura. Imensa era a alegria de todos. O jantar levou mais tempo, pois havia muito assunto a contar.

Ainda na mesma noite a comissão blumenauense partiu, tomando rumo para a sede da colonia onde com ansiedade se esperavam notícias dos modernos bandeirantes. O senhor Odebrecht embarcou também levando os seus instrumentos e a carga que não nos servia mais.

Nós, os seus empregados, teimamos em terminar a nossa viagem a pé. Na manhã seguinte levamos a barraca e o resto de mantimentos e com coragem extraordinária seguimos o nosso caminho.

No Rio Morto alcançamos a estrada da colônia e eu atirei ao rio as minhas botas que quasi não mereciam mais este nome e ao anoitecer chegamos no Encano, onde, naquele tempo, residiam as nossas familias.

Fomos recebidos cordialmente, mudamos de roupa e contamos as nossas experiências, até alta noite. Ao romper do dia saímos para apresentar-nos ao snr. diretor Wendeburg. Era o dia 3 de Agosto de 1867.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

Brevemente a Editora e Livraria Lunardelli, de Florianópolis, estará publicando mais uma obra de escritor catarinense.

Trata-se do livro "Desafio aos Olhos Azuis", do Professor Evaldo Pauli, membro da Academia Catarinense de Letras, que além de escrever ficção também se dedica a obras de reconhecido valor histórico. Na ficção temos dele livros interessantes como "Blumenita", desenrolado em Blumenau, e "As Filhas de Tubarão", com ação na cidade-azul catarinense. Entre os livros históricos, ainda recentemente Evaldo Pauli nos deu a lume um minucioso estudo sobre o governador Hercílio Luz, obra já abordada por nós nestes "Cadernos".

A respeito de "Desafio aos Olhos Azuis", vale ressaltar que é um romance que utiliza como cenário a vinda dos imigrantes alemães para o nosso Estado. Portanto, deverá estar ligado intimamente à região do Vale do Itajaí.

O valor da obra a ser publicada pode ser realçado pelo fato de ter sido vencedora do Iº Concurso de Romance (Prêmio Barriga Verde), instituído pela Secretaria da Educação e Cultura do Estado, partindo de uma idéia desenvolvida pelo livreiro Lunardelli.

É auspicioso saber, por outro lado, que deste concurso participaram nada menos que 15 escritores catarinenses.

Os trabalhos apresentados foram julgados por uma comissão composta dos escritores Silveira Júnior, Flávio Cardoso e Glauco Rodrigues Correa, sob a presidência de Theobaldo Costa Jamundá, que também é — além de escritor — presidente do Conselho Estadual de Cultura.

Prêmio material houve, no valor de Cr\$ 28.000,00. Mas a satisfação maior de um autor virá em seguida: a publicação do trabalho, em livro, o que será feito pela Editora Lunardelli, que também distribuirá o trabalho em âmbito nacional. Isto deverá ocorrer por volta de junho deste ano.

Figuras do Passado

(José Gonçalves)

Raul Deeke

Homem simples, bom, sem complexos de inferioridade e sem manias de grandeza, autêntico, alegre, prosador, esposo dedicado e pai carinhoso, Raul Deeke era o exemplo do homem certo para viver como

viveu e que conseguiria viver em qualquer época, em qualquer século dentre os vinte que estamos atravessando.

Além de tudo isso, era o amigo certo das horas difíceis, jamais abandonando os que o procuraram quando em dificuldades, sempre que na "maré cheia" também houvessem sido seus amigos.

Gostava da vida simples, característica que o identificava com as pessoas de todas as condições sociais: desde o mais humilde, ao mais destacado. E sabia como haver-se entre as duas extremidades da configuração da personalidade humana.

Conheci Raul Deeke muitos anos antes dele despedir-se deste mundo. Conheci, estimei, admirei, respeitei e enalteci essa figura, sempre que pude, para fazer justiça aos seus dotes de inteligência, de humildade e de bondade. Tornei-me seu amigo fiel e durante longos anos fomos companheiros tanto nos bons passeios de fins de semana à sua querida fazenda localizada no Alto Palmeiras como também nas lutas renhidas em defesa e proteção ao velho vapor "Blumenau", que o então Ministro da Viação e Obras Públicas autorizara à direção da Rede Ferroviária Federal a vender como sucata.

A minha admiração inicial por Raul Deeke, foi ao ler, no livro do Centenário de Blumenau, o seu magnífico trabalho intitulado "Folclore em Blumenau?". Depois, veio o conhecimento pessoal, alguns anos mais tarde. E daí por diante, uma amizade que, ao correr dos anos, foi se acentuando cada vez mais.

Uma das fases mais autênticas da atuação de Raul Deeke, em favor de Blumenau, foi quando era presidente do Kennel Clube de Santa Catarina ocasião em que abraçou a campanha encetada pela Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí.

Raul Deeke decidiu que, na falta de maior interesse por parte da municipalidade, o Kennel Clube iria reivindicar o Vapor Blumenau para instalá-lo na prainha, cujo terreno pertencia ao Clube e ali fazer funcionar a sede da agremiação, utilizando parte interna do barco para um bonito bar e petisqueira.

A luta foi iniciada. Cartas mensagens, memoriais foram enviados tanto ao presidente da República como ao Ministro da Viação. Os meses foram passando e a persistência continuava. A primeira medida do Ministro, ante a insistência da campanha, foi a de sustar a ordem de venda do navio como sucata. A segunda, foi finalmente, a de autorizar a entrega do navio à Prefeitura de Blumenau, para ser utilizado como relíquia histórica. Como a Prefeitura não tinha condições de adotar medidas imediatas, um ato do prefeito Frederico Guilherme Busch Jr., com a autorização da Câmara de Vereadores, transferiu o direito de utilização do barco ao Kennel Clube de Santa Catarina.

Nessa época, Raul Deeke ocupava o cargo de vice-presidente do clube, tendo sido eleito presidente um outro seu grande amigo Alexandre Feigel, eleito que fora cerca de um mês antes da decisão final do sr. Ministro da Viação.

Nas funções de vice-presidente do clube, Raul continuou incum-

bido de comandar a campanha pela mobilização de recursos junto às indústrias e o comércio locais, para que o vapor pudesse ser colocado na prainha. A própria Direção da RFF, colocou à disposição da campanha, diversos funcionários especializados, os quais tinham à frente o saudoso Generoso, um homem que sentia, como os demais blumenauenses a necessidade de salvar o vapor. Generoso havia sido, no passado, um dos mais destacados craques do plantel de futebol do G. E. Olímpico e, por isso, reunia muitas simpatias, o que facilitou muito o seu trabalho em favor do Kennel Clube e em apoio à liderança exercida por Raul Deeke.

Junto às indústrias foram conseguidos muitos tambores vazios e no comércio, uma série de materiais necessários à flutuação do barco. E alguns proprietários de lanchas, prontificaram-se a rebocar o navio quando este pudesse flutuar.

O trabalho não foi fácil. A equipe de operários da RFF, com Generoso à frente, lutou vários dias na limpeza do barco e na retirada de água, para que flutuasse. E os tambores iam sendo colocados ao redor do casco. Um dia, o nível do rio cresceu um pouco. E nesse dia, com o auxílio dos tambores, o barco flutuou. Era o primeiro triunfo na etapa final do objetivo. Raul Deeke mobilizou todas as pessoas que de uma ou de outra forma vinham colaborando e marcou para o dia seguinte, dia 8 de setembro, a largada do navio, lá do trapiche da RFF em Itoupava Seca. Dia seguinte, todo o pessoal convocado lá estava. Foram aparecendo os barcos, cujos proprietários haviam se oferecido para o reboque. A largada foi dada e o navio, um pouquinho adernado para a esquerda, foi flutuando na sua última viagem rio abaixo, em direção à cidade de Blumenau e para ser depositado na prainha, local em que ainda hoje se encontra.

A viagem foi tranqüila. No barco, numerosas pessoas. Muitos foguetes marcaram aquela última viagem do Vapor Blumenau, naquele dia 8 de setembro de 1961. As águas do Rio Itajaí Açu estavam subindo, como conseqüência de copiosas chuvas que caíam nas cabeceiras. Ao atingir as proximidades da ponte "Adolfo Konder", houve receio de que o mastro atingisse aquela obra. Mas, felizmente, nada aconteceu e a ponta do mastro passou acerca de um metro abaixo. Se a operação houvesse sido deixada para o dia seguinte, haveria necessidade de cortar o mastro, porque as águas foram subindo. Ao atingir e ultrapassar aquela ponte, o barco foi saudado por centenas de foguetes lançados por populares que, assim, manifestavam o contentamento pelo êxito de uma campanha que havia sido iniciada há dois anos. E aquela passagem do barco era a concretização de uma conquista pela qual tantos ansiavam.

Um fato curioso é que o próprio rio Itajaí-Açu, que, durante tantos anos serviu, com suas águas, para que o barco ligasse economicamente Blumenau a Itajaí colaborou mais uma vez de maneira extraordinária: Ao chegar na prainha, o vapor ficou amarrado contra as areias. De onde estava, para ser levado até o local em que hoje se en-

contra havia uma distancia de cerca de 30 metros e não seria tarefa fácil. Mas, o rio Itajaí, como já foi dito, colaborou mais uma vez. Suas águas foram subindo, o vapor foi sendo puxado e, no dia seguinte, o barco estava flutuando justamente no local em que mais tarde foi construído o suporte para ali ser depositado. Tudo foi obra da natureza que, assim, solidarizou-se com os objetivos do Kennel Clube e, muito especialmente, com os anseios de seu líder, tanto assim que, ao concluir sua obra, Raul afirmava que se sentia plenamente realizado em sua vida.

Depois que o vapor se encontrava no local em que seria erguido, teve início mais uma etapa da campanha, que era a de obter recursos para construir o suporte de cimento armado.

Mais uma vez coube a Raul Deeke a tarefa de contatar com os dirigentes industriais e comerciais de Blumenau e, graças à estima em que era tido em todos os círculos blumenauenses, os recursos foram obtidos e o pedestral construído, o vapor assentado, pintado, recuperado.

Quando a tarefa foi concluída e tornava-se necessário que o Kennel Clube tomasse a iniciativa de adaptar no barco os melhoramentos e a instalação da séde e de um pequeno bar e petisqueira, houve eleição para nova diretoria. E a diretoria de então não conseguiu a maioria para eleger seu candidato, que procuraria concluir os planos iniciais. Nova diretoria foi eleita, com votos opositores dentro da agremiação, tendo Raul Deeke e Alexandre Feigel se afastado, dando lugar à nova geração de dirigentes.

Mais tarde, a propriedade do barco reverteu para a municipalidade, tendo o Kennel Clube recebido, em permuta, um terreno localizado noutra parte da cidade.

Hoje, o vapor Blumenau ainda lá está. Não é tarefa fácil conservá-lo, que com o correr dos anos, ele acabará danificando-se totalmente, apesar dos reparos que são feitos periodicamente.

Enquanto o Vapor Blumenau lá permanecer, sempre haverá alguém que, ao recordar a grande campanha que impediu que fosse vendido como sucata, lembrará, infalivelmente de Raul Deeke, o timoneiro da luta pelo salvamento do vapor e cuja personalidade foi sempre inconfundível. Raul Deeke deixou a marca de seu trabalho não só no Vapor Blumenau, mas registrado nos anais da História de Blumenau, ao focalizar, com propriedade admirável, os aspectos lingüísticos gerados pelos contatos entre alemães e portugueses que povoaram esta região a partir de 1850. O livro do Centenário de Blumenau perenizou a personalidade de Raul Deeke e o reconhecimento dos blumenauenses pela inteligência e cultura que o caracterizaram durante a sua vida, sem que isso jamais o fizesse perder o espírito modesto ou tornasse menos afável o seu magnânimo coração de homem sincero e leal.

DADOS BIOGRÁFICOS

Raul Adolfo Deeke nasceu em Indaial, no dia 26 de maio de 1907. Era filho do Historiador José Deeke e dona Ema Deeke, nata Ris-

chbieter. Em 1931 casou-se com dona Dorotéa Deeke, de cuja união nasceu uma filha, de nome Marily. Pelo espaço de 27 anos foi representante da firma A. J. Renner, de Porto Alegre, mantendo, em Blumenau, um estabelecimento comercial, à rua 15 de Novembro, que vendia artigos confeccionados daquela conceituada empresa gaucha. A par das atividades comerciais, foi um dos fundadores do Kennel Clube de Santa Catarina e do Rotary Clube de Blumenau. Faleceu nesta cidade em 18 de maio de 1971, estando sepultado no Cemitério Evangélico de Blumenau: Centro. O governo municipal, em 1973, o homenageou, com a denominação de Rua Raul Deeke, a uma das ruas urbanas de Blumenau.

Pe. Jacobs e a Proclamação da República

José E. Finardi

Com a proclamação da República em 15 de novembro de 1899 e a constituição de um Governo provisório chefiado pelo Marechal Deodoro da Fonseca e ainda com a renúncia do Presidente da Província Dr. Luiz Dias Leite de Oliveira Belo, assumiu, dois dias depois, a direção dos negócios públicos da Província de Santa Catarina, um triunvirato composto do Comandante do 25º. Batalhão, Cel. João Baptista do Rego Barros de Albuquerque Cavalcanti; do médico militar Dr. Alexandre Marcellino Bayma e do Presidente do Partido Republicano Catarinense Esteves Junior, farmacêutico Júlio Adolpho Raulino Horn.

Este triunvirato, sabendo do prestígio que gozava junto à população de Blumenau, aliado à altivez que o caracterizava e ainda a fidelidade que nutria ao deposto Imperador, endereçou ao Pe. José Maria Jacobs, nessa mesma data de 17 de novembro, uma carta, comunicando-lhe o acontecimento e a 22, cinco dias depois, outra pedindo-lhe a adesão à revolução republicana, a essa data já vitoriosa na maioria das Províncias brasileiras, mas ainda sem a adesão da importante unidade municipal blumenaense, que a respectiva Câmara só viria a decretar três dias depois, ou seja a 25 de novembro.

Pe. Jacobs, amigo incondicional de D. Pedro II, não obstante ter conhecimento de que a Família Imperial estava a bordo do vapor "Ceará", pronto para zarpar para o exílio, assim mesmo teve a corajosa atitude de expedir um manifesto de repulsa ao novo regime, o qual leu e comentou do púlpito e afixou na porta de todas as capelas católicas do Município.

Por esse documento, constante de nosso arquivo, em original, pode-se aquilatar o gênio ativo de Pe. Jacobs, que só se curvava à vontade de Deus.

Com as eleições gerais do ano seguinte, inconformado com as

mudanças introduzidas pela República, especialmente suprimindo as prerrogativas de que gozava o Clero católico, como ferrenho monarquista que era, deu todo o seu apoio ao Partido Católico, fundado no país, para dar combate aos partidários do Partido Republicano, detentor do Poder. Estes, visando silenciá-lo, moveram-lhe três processos, de um dos quais resultou na condenação a três meses de prisão, efetuada esta em Ascurra, onde se refugiara e logo relaxada por ordem do Tribunal de Justiça em Florianópolis.

Abalando-lhe este episódio a já combalida saúde, Pe. Jacobs resignou da direção da Paróquia e do Colégio que fundara, entregando-as aos Franciscanos, seguindo ao Rio de Janeiro, onde logo veio a falecer, vitimado pelo surto de febre amarela, sem poder visitar os seus familiares na Alemanha, como era seu desejo .

"GOVERNO PROVISORIO DO ESTADO REPUBLICANO CATHARINENSE, em 17 de Novembro de 1889. Comunicamos-vos que, hoje, assumimos o Governo Provisorio do Estado Republicano Catharinense, por aclamação da Força Militar de terra e mar Club Republicano e povo. Saudamo-vos fraternalmente, (as) Cel. João Baptista do Rego Barros Cavalcanti d'Albuquerque — Dr. Alexandre Marcelino Bayma — Raulino Julio Adolpho Horn. Ao cidadão Vigario da Parochia de Blumenau".

"GOVERNO PROVISORIO DO ESTADO FEDERAL DE SANTA CATARINA, 22 de Novembro de 1889. Adheriram já à Republica dos Estados Unidos do Brasil, as Provincias do Pará Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Geraes, Paraná e Rio Grande do Sul. Reina a paz em toda a Republica, ha perfeita confiança em suas novas instituições, o crédito está firmado e a moeda nacional especialmente garantida. Este Governo confia no vosso patriotismo e esforços que firmem a confiança do Governo da Nação e d'este Estado junto à população. Saude e Fraternidade. (as) Cel. João Baptista do Rego Barros Cavalcanti d'Albuquerque — Dr. Alexandre Marcellino Bayma — Raulino Julio Adolpho Horn. Ao cidadão Vigário da Parochia de Blumenau".

MANIFESTO — A Igreja catholica apostolica Romana, pode existir e bem existe debaixo de qualquer forma de Governo, quer seja Imperial Real ou República, etc.

A mesma Igreja ensina que se deve obedecer em todos os pontos e toda e qualquer lei civil e justa, decretada por auctoridades legaes de qualquer forma legal de Governo.

Qualquer nação tem o direito de mudar a forma de Governo; não está obrigada a obedecer ao Governo ACTUAL EXISTENTE.

Revoltar-se contra um Governo actual e em vigor, é illegal, peccaminoso e contra as leis da Igreja.

Um novo Governo proveniente d'uma revolução accidental, estando estabelecido, organizado e reconhecido pela NAÇÃO INTEIRA,

tem direito legal e merece submissão também das auctoridades ecclesiasticas.

O Governo provisório actual do Brasil não existe nem "de facto", nem "de jure".

Não existe "de jure", porque nós cidadãos temos jurado fidelidade ao Imperador e à constituição do Imperio. Não "de facto", porque não temos ainda plebiscito ou votação geral; o que por ora temos são telegramas incertos d'um partido só, o qual communica ao publico o que lhes convem, sendo todas as informações confrarias impossibilitadas.

Portanto, eu, Vigario da Freguesia de S. Paulo e como tal — Empregado do Estado Imperial, fiel ao meu juramento, ficarei sujeito á auctoridade Imperial até que a Republica seja, não somente publicada, como também estabelecida, ao menos de facto, organizada e reconhecida pela NAÇÃO INTEIRA.

Depois, conforme as leis da S. Igreja, eu serei o mais obediente sujeito da mesma .

(as.) Pe. José M. Jacobs

UM CLUBE DE FUTEBOL E SEU HINO

por Carlos Braga Mueller

Blumenau é uma cidade onde o esporte bretão — o popular futebol — sempre teve seus fans.

O actual Palmeiras originou-se do "Brasil Esporte Clube", fundado em 19 de julho de 1919; e até hoje suas cores representam o futebol blumenauense. Outros clubes deixaram de praticar o futebol. O Palmeiras, não.

Antigamente, numa cidade ainda pacata como Blumenau, um jogo de futebol representava realmente um divertimento familiar. E por isso, jovens damas da sociedade prestigiavam os jogos. E iam aos campos torcer pelo "Brasil Esporte Clube".

A propósito, é interessante lembrar que o "Brasil Esporte Clube, ou Palmeiras E. C.", tem o seu hino official.

A letra é bastante sugestiva e a música muito bonita. Ignoramos o paradeiro do autor dos versos, Professor Aldo Azevedo. A autora da música, porém, ainda reside em Blumenau.

Trata-se da professora Antonietta Braga. E justamente por ser autora da música que caracterizava o clube, ela sempre merecia especial atenção por parte dos dirigentes do Brasil, e posteriormente, do Palmeiras.

O officio a seguir reproduzido comprova esta afirmação. Ele é datado de 27 de julho de 1944 e onde se lia Brasil Esporte Clube a secretaria alterou para Palmeiras. Diz ele—:

"Exm^o. Senhorita Antonietta Braga, Nesta. Em comemoração ao 25^o. aniversário de fundação do Brasil Esporte Clube, o Palmeiras E.C. seu sucessor, fará realizar dia 29 do corrente, às 19 1/2 horas, no Clube Náutico América um banquete, para o qual tenho, de ordem do Sr. Presidente, o grande prazer de dirigir a V. Excia. este convite, que tem caráter especial, visto como a Senhorita foi a autora da música do "Hino do Brasil F. C.". Certo do comparecimento de V. Excia., com o que nos sentiremos sumamente honrados, subscrevo-me, muito atenciosamente. (ass) Emilio Sada — 1^o. Secretário".

Conseguimos também a letra do "hino", que em seguida reproduzimos:

HINO DO BRASIL (PALMEIRAS) E.C.

I

Nossos onze "foot-ballers"
Que defendem nossas cores
São felizes quando jogam
E felizes nos amores.

Estrilho

Nossos beques são trincheiras
O "gol-keeper", que paredê.
Tantos os "halfes", como a frente
Mandam bolas para a rede.

II

O verde-branco esperançoso
De uma vitória conquistar com lealdade
Irã lutando sempre orgulhoso
De ser no esporte o orgulho da cidade.

Sinceramente, o Palmeiras, com letra e música de hino, próprios, não precisaria estar divulgando em suas promoções o hino do clube homônimo paulista.

Revista filatélica de Blumenau circula com o número 22

É muito agradável, para "Blumenau em Cadernos", registrar o aparecimento do n^o. 22 da revista contendo o noticiário do Clube Filatélico de Blumenau. Em sua nova fase, trazendo uma capa artística, com impressão em estilo moderno, a revista traz vasto noticiário dos acontecimentos filatélicos mais importantes registrados em quase todo mundo. Figuras de real valor no mundo filatélico blumenauense, como Alfredo Wilhelm e Adolfo Sutter, são homenageadas pela revista, em regosijo pelo recebimento do título de Sócio Benemérito.

Ao fazermos o presente registro, queremos novamente cumprimentar o jovem presidente do Clube Filatélico de Blumenau, advogado Renato Mauro Schramm, pelo carinho que vem tratando das coisas ligadas à filatelia e o esforço que desenvolve para a maior conceituação da filatelia blumenauense no âmbito nacional e internacional.

O Decreto imigratório 5.663 e o Dr. Blumenau

José E. Finardi

A 30 de junho de 1874, o Governo Imperial do Brasil baixou o Decreto n.º 5.663, autorizando o Comendador Joaquim Caetano Pinto Junior a introduzir no país, cem mil imigrantes.

Diversos foram os motivos que determinaram essa decisão do Governo. Entre eles, a redução do afluxo imigratório alemão, cuja causa era atribuída à guerra franco-alemã e a hostilidade, por parte do próprio Governo brasileiro em admitir mais contingentes imigratórios da Alemanha.

Este decreto, que mereceu ser adjetivado como "famigerado", teve grande repercussão não só no país como e especialmente em alguns países europeus, que passaram a tomar medidas de prevenção contra o mesmo.

No Brasil, tanto o decreto e mais ainda a sua execução, foram acerbamente criticados, especialmente porque estabelecia direitos em favor do contratante, sem as equivalentes obrigações.

O Dr. Blumenau, também se manifestou, dirigindo às autoridades imperiais, um memorandum em que expôs seu ponto de vista totalmente contrário, alertando o Governo sobre a inconveniência na sua manutenção e fazendo, de par com duras críticas, judiciosas sugestões visando o barateamento e o conseqüente aumento do número de imigrantes, custeados pelas verbas que então eram absorvidas.

Pela leitura desse memorandum, cujo rascunho original faz parte de nosso arquivo e o original passado a limpo conseguimos em cópia xerox do arquivo do Museu Imperial de Petrópolis, se nota o desapontamento do Dr. Blumenau ante a má vontade do Governo em retribuir os ingentes esforços que fazia visando a entrada, na Colônia, de mais imigrantes procedentes da Alemanha.

Ignorava, entretanto, o Dr. Blumenau que essa má vontade, originária dos bastidores do Governo, era decorrente do "temor que se apossou dos Conselheiros do Imperador, receosos de que se estaria estabelecendo na Colônia Blumenau, um "quisto religioso", constituída que era pela grande maioria de imigrantes alemães, quase todos de confissão luterana, atraíndo seus pastores para esta, os de outros credos, em detrimento da religião Católica, que era a dominante e Oficial do Império".

Eis o histórico documento:

Foi celebrado em 30 de Junho de 1874 com o Governo Imperial por Joaquim Caetano Pinto Jr. um contracto por dez annos para introdução de cem mil emigrantes dentro do Paiz. Este contracto, compara

do e igualado ao fornecimento de um rebanho de carneiros, à um exercito em campanha, ou no trafego de chins e culis para os senhores de engenho de Cuba, Perú, etc. alvoroçou e revoltou extraordinariamente tanto aos representantes das nações estrangeiras neste Paiz, como aos proprios governos e a opinião publica na Europa, e esta desfavoravel e, para os interesses do Brazil, funestissima e muito prejudicial impressão ficou ainda consideravelmente aggravada pela falta de habilidade e prudencia, com que o contratante espalhado com ruido e ostentação em todas as partes os seus prospectos e conceitos para a emigração, sophisticamente redigidos, e offendendo susceptibilidades, que judiciousa e discretamente devia poupar, provocou e causou, não somente medidas prohibitorias de sempre crescente rigor na Allemanha, mas ainda prohibições até na **França e na Italia**, paizes estes, que até agora e a tal respeito havião observado tal ou qual indulgencia ou tolerancia.

Em conformidade com este singular contracto, que simplesmente trata do fornecimento ou da introduccão, **não do estabelecimento de imigrantes pelo intr^oductor**, o qual exatamente por esta razão na Allemanha é qualificado de mero alliciador e traficante, ou "**vendedor de almas**" este percebe pelos primeiros 50.000 introduzidos a quantia de Rs. 125\$000 por cada pessoa valida e adulta e a metade pelos menores. Como taes emigrantes são desembarcados no Rio de Janeiro e ahi sustentados durante 3, 5, 8 e mais dias e afinal reembarcados e transportados ao seu ulterior destino — **tudo á custa do Governo** e como esta despeza, **no minimo**, importa em Rs. 25 a 30\$000 (e que pode facilmente chegar a Rs. 35 e a 40\$000) a despeza total com cada imigrante adulto que, segundo seu bom direito, **garantido pelo contracto** e pelos **prospectos** do intructor, exigir o estabelecimento, v. gr. em Blumenu ou em Itajahy e portanto á conta do Governo deve ser transportado ao porto de Itajahy, vem a ser, termo medio, Rs. 155\$000.

No entretanto custarão ao mesmo Governo 1.672 imigrantes adultos e 639 menores — total 2.311 pessoas — que nos annos de 1868 e 1869 eu havia expedido de Hamburgo **directamente** para os portos de Victoria, no Espirito Santo, Itajahy e Rio Grande do Sul ou Porto Alegre — a somma total de Rs. 63.919\$300 ou por cada pessoa extritamente entre adultos e menores — Rs. 22\$160 de adiantamentos **não** á reembolsar Rs. 5\$226 de ditos á **reembolsar** — total, portanto de Rs. 27\$386; digo-o porem, **aproximadamente**, porque os dados, que tenho commigo são somente excerpts devendo as listas e contas **exactas**, contudo existir na Secretaria d'Estado d'Agricultura.

Cômpre-mais dizer que, se o Consul Geral do Imperio em Hamburgo, nos ultimos annos passados, e ainda recentemente tivesse sido munido das competentes autorizações e créditos sufficientes, poderia por intermedio dos expedidores Mathei e Lobedanz ter remettido ao Imperio bom numero de **milhares** de emigrantes allemães, austriacos, dinamarquezes, etc. pela maneira e pelos preços seguintes:

1^o. — Sendo de Hamburgo e Antuerpia, **em barco de vela, em di-**

reitura para Caravellas e outros portos daquela costa, para Victoria, Rio de Janeiro, Santos, Cananea, Paranaguá, S. Francisco do Sul, Itajahy, Desterro e Rio Grande do Sul e coexistindo numero de emigrantes sufficiente, o qual com trabalho e medidas aceitadas, empregadas tanto no Brazil como na Europa, poderia ser conseguido, havia de ficar cada adulto, termo medio, ou mesmo maximo, pelo custo de Thalers 54 = & 8,2 e, no cambio de 27 pences por mil reis = Rs. 72\$000.

2º. — De Hamburgo ou Antuerpia, em **barcos á vapor** para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, S. Francisco (e talvez tambem Itajahy), Desterro e Rio Grande do Sul, pelo custo medio, e talvez mesmo maximo, de Thalers 70 = & 10.10 = Rs. 93\$333.

Estes e aquelles custos podem ainda hoje ser considerados como os termos medios regulares.

E como Pinto Jr. percebe Rs. 125\$000 e as ultteriores despezas importão para o Governo ainda cerca de Rs 30\$000, termo medio, até a chegada dos emigrantes nos portos das colonias e portos mais importantes — total Rs. 155\$000 —, os cofres do Estado estão sendo **prejudicados** — no primeiro caso em Rs. 33\$000 e no segundo em Rs 61\$667 (!!).

Não obstante, porem, cifras tão convincentes, não se tem concedido ao referido Consul Geral em Hamburgo creditos sufficientes para fomentar de tal maneira, como teria sido e ainda hoje era, ou parece, exequivel, **aquella utilissima e preferivel imigração**, e apezar das minhas desde annos á esta parte repetidas instancias e solicitações, parecendo assim, que **não se tem querido** a imigração allemã em numero um tanto consideravel, ou que se queira reserval-a para uma epocha, em que melhor sirva para certos fins, interesses e individuos!

A colonia Blumenau, para a qual antes na minha retirada da Allemanha eu ainda havia expedido 1.686 emigrantes em 1868 e 699 em 1869 e que recebeo 33 em 1870, 56 em 1871, 174 em 1872, 418 em 1873 e 220 em 1874 total nos ultimos cinco annos 901 — teria nestes mesmos cinco annos recebido, não obstante e talvez mesmo, por causa de guerra franco-allemã, pelo menos 5.000 e talvez numero ainda muito mais avultado de imigrantes, se tivessem tido favoravel despacho e merecido alguma consideração minhas respectivas e frequentemente repetidas representações e solicitações; deixou-se, porem, e como de proposito, passar desaproveitadas taes oportunidades, alias não frequentes, para o Imperio adquirir com pequeno sacrificio mais um grande numero de emigrantes! Parece mesmo que, se não se temia, pelo menos **não se desejava**, que a colonia Blumenau tivesse tão rapido engrandecimento!!

Estou bem informado, e é certo, que numerosos allemães residentes pela maior parte na provincia prussiana da Pommerania, tendo exprimido o desejo de emigrarem e reunir-se aos seus parentes já **esta belecidos em Blumenau**, e tendo para esse fim sido munidos de bilhete de recommendação ao Consul Geral do Imperio em Hamburgo por

mim assignados, mas remetidos pelos mesmos parentes de Blumenau em cartas escriptas por estes receberão pela maxima parte **resposta negativa** dos expedidores, isto é, que **não** poderão ser transportados pelos anteriores e **baratos** preços de passagem, visto que o Governo do Brazil não tinha para **esse fim** e **esta** colonia concedido as correspondentes subvenções e sommas!!

Ao mesmo tempo, porem se deva o extraordinario e significativo facto de que, sendo **official ou directamente** convidados na Allemanha para a emigração e estabelecimento em Itajahy grande numero de parentes de colonos, ahi já estabelecidos, somente uma, e uma proporcionalmente escassa parte dos convidados se quiz aproveitar, e realmente aproveitou-se, da oportunidade e dos favores offerecidos, de imigrarem e estabelecer-se nessa colonia gratuitamente, ou com insignificante despeza! E ainda se deo o singular espectaculo de que a grande maioria de todos esses convidados foi depois estabelecer-se **fóra d'º Império** — uns, porque não querião Itajahy, e outros porque só lhes agradeu Blumenau e **isto não lhes era concedido**, e finalmente todos se queixavão — os colonos de **Blumenau** e seus parentes na Allemanha de vãs promessas, de decepções e até de falsidades; e os convidados na Allemanha para a colonia Itajahy de armadilha, artificios, etc. escarnecendo ainda do beneficio, que lhes haviam offerecido o **Governo do Brazil!** entretanto que as autoridades locaes da Pommerania sabião se aproveitar de tudo isso, com o melhor geito para seus fins e para mais uma vez desacreditar e condemnar não somente a nossa imigração e colonisação, como tudo que é do Brazil!

E por estes e outros factos semelhantes que os estrangeiros, mesmo por sympathia a este grande e bello paiz, costumão notar incoherencia nos que governão, e deplorão suas tristes mas logicas consequencias sem que se lhes possa attribuir calunnia ou maledicencia. que seria para o mesmo um epitheto apropriado, se já tivesse caducado!

Haja vista a historia do "**inconsiderado**" contracto Pinto Jr., O contratante, não contente com o enorme lucro **liquido**, que com algum geito e habilidade podia tirar, isto é, de cada um dos 50.000 emigrantes adultos Rs. 25.000 ou com tudo 5.200:000\$000 no minimo, dentro de cinco annos ainda teve o desfaçamento de pretender, que o nosso digno e honrado Consul Geral em Hamburgo e o expedido Lobedanz **lhe cedessem** ao que quizessem emigrar para o Brazil, afim de serem por **elle** transportados, e **mediante as condições do seu famoso contracto!** chegando até a propôr ao ultimo dos dois ditos cavalheiros, que procurasse obter, ou antes e propriamente **extorquir** de taes emigrantes a quantia de 40 Thalers, cerca de Rs. 53\$000 como contribuição ou addição às despezas da passagem; e sendo repellido como era de esperar, porquanto o que elle propunha, era uma cumplicidade criminal, ainda commetteo a imprudencia de andar intrigando a ambos!

Convem ainda notar, que **muitos** brasileiros parecem como de proposito esquecer ou desconhecer, que não somente elles mas muito

extrangeiros tambem sabem ler e aproveitar os jornaes do Paiz, os expedientes e relatorios ministeriaes e outras publicações, e que os Consules e diplomatas extrangeiros, zelosos e vigilantes, ou avidos de se distinguirem, como costumão ser, estão ao corrente dos negocios e frequentemente muito bem informados; e que os **mesmos** brasileiros não tomão na devida consideração **que merece**, a impressão, que no resto do mundo, e sobretudo na Europa, vão causando suas palavras e medidas; entretanto que nestes negocios devião sempre ter um olho fixo no Brazil e outro na Europa

A Policia, tanto na Prussia e na Austria, como na França e na Italia, estende e serve a sua vigilancia sobre a alliciação de emigrantes até na infima baiuca da mais insignificante aldêa, sabendo em breve de quaisquer operações offertas, etc, que a tal respeito se fazem; é preciso, portanto que taes negocios sejam tratados e manipulados com "**delicadas luvas de velludo** e não manejadas, **como tem sido** com "**grosseiras tenazes de ferro**" — já uma vez eu o disse e com razão, n'um memorial sobre estes assumptos, apresentado ha algum tempo.

Para finalizar, direi que a unica resposta à famosa circular do Governo da Prussia, do anno de 1859, pela qual procurou impedir a emigração para o Brazil, condigna do Governo Imperial teria sido naquelles tempos — remover as causas das queixas, e em seguida revocar de Berlim o enviado extraordinario e ministro plenipotenciário, deixando alli somente um Consul Geral, ou encarregado de negocios, caso que o Governo da Prussia tivesse persistido nas suas medidas prohibitorias.

Mas naquelles tempos, como hoje, prevalescerão as considerações **pessoaes** alheias à propria causa, de envolta com a confusão de ideia tanto sobre o fim como sobre os meios, e sentia-se a falta de actividade e energica acção nos logares e momentos de importancia e nas **meias** medidas, que se empregavão.

Rio de Janeiro em principios de Novembro de 1875

(as) Dr. Hermann Blumenau.

“Minha estada na Colônia Da. Francisca”

Elly Herkenhoff

— Em meio a toda essa actividade, fomos surpreendidos pela visita muito agradável, embora breve, do Sr. Sallentien, um patricio de Braunschweig, estabelecido às margens do Itajaí, e do Sr. Paost, que dirige coleções scientificas em Santa Catarina. Infelizmente não me foi possível retribuir essa visita, mais tarde. Eu conhecia o nome de Sallentien, de Jena, onde eu tinha estudado com um de seus primos. Foi

uma satisfação enorme temos entre nós um patricio culto, de uma colônia vizinha, e ouvir dele e dele aprender.

Logo em seguida o Sr. Aubé levantou o curso superior do rio Cachoeira e o Sr. Schroeder resolveu fazer explodir as pedras que entravam o rio, nos periodos de maré baixa. As casas de alojamento foram reexaminadas, conseguindo-se assim espaço para 180 pessoas. Ao mesmo tempo, o Sr. Schroeder mandou fazer uma plantação de centenas de bananeiras e laranjeiras. Além disso, cuidava-se da venda, isto é da despesa onde se efetua a venda de viveres, pólvora, chumbo, medicamentos, velas, machados, enxadas e pás. Entregamos muitas velas através da janela e servimos muitos mata-bichos. Mais tarde, o barão e sua esposa se encarregaram desse serviço. Quando escasseava as provisões, íamos a S. Francisco, onde a casa hospitaleira do Sr. Aubé nos acolhia até a hora da maré.

Assim, tudo ia correndo pacificamente e às mil maravilhas, quando a 23 de fevereiro chegou uma notícia do Rio, havia desistido do prosseguimento de sua projetada viagem para a Califórnia, viria para a colônia fazendo-se necessário, portanto, cuidar do seu alojamento. Sem perda de tempo, o Sr. Schoeder começou a construção de 10 casinhas e o trabalho foi se desenvolvendo muito bem. Mas intelizmente a "Colon", a primeira barca de transporte de imigrantes de Hamburgo — por coincidência também norueguesa — ancorou no dia 6 de março em S. Francisco, quando também o patacho chegou do Rio, trazendo os 70 noruegueses.

Cento e noventa pessoas de uma só vez! Só quem ficou radiante de alegria, foi o nosso negro Diogo. Vejam só ele podia cozinhar para 190 pessoas! Velha alma querida, que soube tão bem cuidar do nosso conforto na floresta! Bastava uma palavra amiga, um elogio — e ele se mostrava intatigável Cozinheiro, carpinteiro, marceneiro, cantoneiro, inspetor — sempre, sempre ali estava, pronto para ajudar. O seu maior desejo era de viajar a Hamburgo para ver mais uma vez a sua antiga dona, que lhe dera carta de alforria. Quando eu deixei a colônia, ele estava parado na porta e me encarregou de dizer a ela, que o Diogo estava fazendo o que podia, para deixá-lo bem satisfeito.

O Sr. Aubé dirigiu-se imediatamente a bordo dos dois navios para distribuir carne fresca, leite e pão entre os passageiros. Tanto os colonos de Hamburgo como os noruegueses fizeram questão de ir para a colônia imediatamente, apesar do tempo ameaçado. As 10 casas ainda não estavam terminadas e assim alguns noruegueses — gente forte, escolhida — tiveram de se acomodar em barracas, durante 14 dias — um passadio não muito agradável, porque a chuva, contrariando todas as leis da natureza na América, desabou violentamente assim continuando até meados de março — um triunfo autêntico para mosquitos e sapos. Durante a noite, era um constante zunir, coaxar, martelar, capaz de causar profunda depressão a qualquer novato. Rãs de tamanho desproporcional martelavam tão alto e em voz de baixista, que se podia

até supor que no Brasil se trabalha à meia noite na derrubada de árvores. Mas o sol, voltando a brilhar, depressa refez o ânimo dos colonos um tanto desalentados — ou antes dos colonos felizardos, cuja única aflicção eram alguns sapos e mosquitos.

A chegada de mulheres e moças despertou alegria geral. Eram alemãs e suíças. Os pacatos marujos nórdicos as gabavam muito sobretudo as suíças e as jovens preto-vermelho-douradas (cores da bandeira alemã), se queixavam — não sem razão, talvez — de falta de gentileza e do conseqüente racionamento das maçãs secas. Uma suíça até havia comido bolo em demais e, tendo adoecido em conseqüência, o fato lhe acarretou muita inveja. Coisas das longas viagens a bordo. . .

Mas enfim, haviam chegado ao destino e o trabalho depressa espantou tais produtos da ociosidade.

A presença das numerosas, crianças, com seus risos sua algazarra, sua folia e seus banhos no rio, em muito veio contribuir para a alegria do ambiente, outrora de silêncio e de solidão. E outros amigos ainda vieram se juntar. Um cão enorme, nascido nas ruas de Hamburgo, produto de um incontrolável cruzamento de raças e semelhante à quimera homérica, porém menos bravo do que aquele ser da mitologia, fazia medo aos brasileiros. desconhecedores de tal espécie. Vários cachorrinhos, nascidos durante a viagem, e que prometiam numerosa prole no futuro, rapidamente se tornaram os queridinhos de todos os colonos (a concluir).

— O Sr. Schroeder de tudo cuidou, nada deixou faltar. Mandou comprar 13 bois, além de carne seca, vinho, cachaça, e frutas em grande quantidade. Um banquete em comemoração à chegada dos colonos, organizado num galpão chamado "sala de dança", atraiu a elite da sociedade de S. Francisco e dos arredores. O sr. Schroeder, o Sr. Aubé e o Coronel Vieira presidiram a mesa e assim, alemães, suíços, noruegueses, franceses e brasileiros ali estavam reunidos na maior cordialidade. Um brinde se seguia a outro e com uma salva de tiros e as canções "Schleswig Holstein" e "O bravo soldado", sem as quais noruegueses e alemães não passam mesmo, terminou a refeição. Os brasileiros afirmaram que a colônia já se apresentava mais animada do que a cidade de S. Francisco.

Depois de um alegre fandango em casa do Sr. Aubé, voltaram eles à cidade. Por toda a parte já se evidenciava a nascente harmonia. O Sr. Morikhofer de Berna, e o farmacêutico Sr. Bohlike com a esposa, de Flensburg, fizeram o papel de mediadores na reunião. Com os noruegueses havia chegado um excelente médico, o Dr. Moeller, muito bem-vindo à colônia. O Dr. Moeller e o seu jovem companheiro Christendahl de Königsberg, tornaram-se, mais tarde, os nossos convivas diários à mesa. O sub-tenente preto-branco-amarelo fechou um pacto com uma suíça livre. Ela não era bela porém velha e sólida.

A diferença ressaltante entre as diversas nacionalidades foi se

extinguindo a cada dia. Terminado o descarregamento dos navios, iniciou-se a atividade geral, a vistoria e a medição dos lotes e a limpeza da antiga roça. Alguns noruegueses resolveram montar uma olaria e, conforme fui informado, estão sendo bem sucedidos na empresa. Diariamente se notavam sinais de nova atividade e nova ordem. Quando, em fins de março, eu deixei a colônia, embarcando na "Colon" para o Rio, todas as noites subiam umas 15 a 20 colunas de fumaça para o alto - um maravilhoso espetáculo na mata virgem. Sinal da presença do homem e da cultura próxima. O jardim do Sr. Aubé, que se estende nos fundos de sua casa, chamada de "palácio", até o mato, ainda não estava semeado quando me despedi e agora já está produzindo excelente algodão. Deste modo a colônia, por si própria, conseguirá avivar o intercâmbio com o Rio. O barco a vapor entre o Rio e Buenos Aires por enquanto só atraca no Desterro. A nova colônia em breve fará com que ele atraque também em S. Francisco — o que significa enorme vantagem.

Voltou comigo para a Capital o Sr. Nieff, do Rio, um ex-oficial francês, pessoa bem conceituada, o qual acabava de comprar terras para um amigo, nas proximidades da colônia. Conforme o Sr. vê, no Brasil confia-se no empreendimento e o governo fará o que estiver ac seu alcance, porque deseja atrair gente trabalhadora para o país. Ao receber a noticia de um pequeno ataque de índios à fazenda do Coronel Vieira, o Ministro imediatamente deu instruções ao Presidente da provincia, no sentido de pôr à disposição da colônia o destacamento necessário, tendo o Presidente se privado de suas tropas, exceto o Alferes, para atender ao novo empreendimento.

Os alemães são bem conceituados no Brasil. Espera-se muito deles e pode-se dizer que, de um modo geral, os nossos patrícios fazem jus a tal conceito".

E conclui o autor:

"Eis o meu relato das 7 semanas na colônia: Eu vi as coisas conforme as descrevi. Um colono, decidido a ficar, possivelmente encara muita coisa de maneira diferente de mim, que lá estive por simples curiosidade e durante pouco tempo. Na verdade, ainda não existem estradas enxutas, terra desmatada e cultivada, casas confortáveis, interligações mais importantes. Mesmo quem chegar com posses, no principio mora num casebre de barro ou num rancho qualquer, come carne seca, bebe cachaça conforme o caso e trabalha no duro, com machado e enxada. Quem deixa a sua pátria para se tornar colono, rompe com o passado e poderá encontrar um futuro feliz somente pela inteligência, pela decisão e pela força. O Sr. mesmo conhece bastante bem a empresa e também a mim o suficiente, para esperar, de minha parte, apenas a minha história — e não uma garantia contra brejos, mordidas de cobras, mosquitos e doenças. Para o Sr. basta que eu tenha contado como se passaram, mais ou menos, as 7 semanas na colônia".

Com essa explanação concludente do autor, teriam se modifi-

ção, para nós, as proporções de toda a sua extensa narrativa, dedicada ao leitor de 1851?

Decerto que não.

O panorama daquele pequenino "Schroedersort" nascente na floresta não significa apenas o relato de um episódio decisivo de nossa história — a chegada dos primeiros imigrantes e a partida para a grande luta entre o homem louro e as forças da floresta tropical. Não apenas impressiona pelo ineditismo, pela originalidade, nem pelos ensinamentos que contém.

Para nós, joinvillenses de 1977, é a mensagem vinda do passado que é nosso, mensagem que fascina, pelas proporções humanas, profundamente humanas, que nos transmite. (FIM)

≡ A opinião dos que nos visitam ≡

— "Sómente pessoas de bom gosto e muita estima, pelos antepassados, poderia reservar com tanto amor e carinho esta casa vem dar, a nós, visitantes, a impressão exata de estarmos retornando a um passado já distante. Está ótimo, esplêndido, de alto valor estimativo. Só se espera que com esta casa pessoas de outros lugares copiem em suas cidades este ato magnífico e tão humano que vimos no Museu da Fundação "Casa Dr. Blumenau. Só temos que agradecer tudo o que vimos — Waldet Luna — Rio".

— *●* —

— "Que encantamento! Estão de parabens os colaboradores da "Casa Dr. Blumenau. Quero agradecer os momentos de enlevo que aqui passei! Helena Roemer Friedrich — Rio de Janeiro".

— *●* —

— "Parabens pela belíssima organização do Museu didaticamente e historicamente. Pena que não hajam outras parecidas pela região. — Beatriz Bitelmann (pedagoga) — São Paulo".

— *●* —

— "O Museu da Família Colonial é um museu digno de ser visitado e admirado principalmente no que concerne ao enriquecimento de nossa cultura — Darlen Salun — Belém do Pará".

— *●* —

— "Parabens, parabens mesmo! A um tão belo museu! Que muito me encantou! — Beatriz Ferraz Ney — Estado do Rio'.

— *●* —

— "Realmente é um belo e bem organizado Museu, digno de ser visitado e admirado por todos — Zozimo Cabral de Barros, Economista, residente em São Paulo".

— *●* —

— "Os integrantes da excursão da Banda da Escola Nossa Senhora

Auxiliadora, de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, ficou maravilhada com o valor cultural que viu e apreciou neste Museu da Família Colonial, de Blumenau. Ele revela grande apreço pelas origens de Blumenau. Nossos parabens aos organizadores e incentivadores deste patrimônio histórico — Cultural".

— * ● * —

— "O museu sempre será um respeito aos que passaram, não só no campo da arte e o devotamento ao povo. Este museu é bem um testemunho dos que se devotaram a esta cidade que tanto estamos admirando. — Paulo Delmarte e esposa — Juiz de Fora — Minas Gerais".

— * ● * —

— "Um dos atrativos desta maravilhosa cidade está neste Museu da Fundação "Casa Dr. Blumenau", primorosamente organizado com a paciência e a meticulosidade germânica. É um grande prazer visitá-lo — Alceu Leite Lorde — Lorena — São Paulo".

— * ● * —

— "Meus parabens aos organizadores e zeladores deste maravilhoso Museu, do qual o povo desta cidade deve orgulhar-se e precisa valorizar e divulgar cada vez mais as belezas naturais e plásticas destes relicários. — Cesar Cunha Pereira — São Gonçalo — Rio de Janeiro".

— * ● * —

— "Desejamos muito a conservação desta riqueza cultural que está neste Museu da Fundação "Casa Dr. Blumenau. — Excursionistas do Colégio N. S. Aparecida, de Carazinho, R. G. S. — Irmã Tereziinha Danieli".

— * ● * —

— "Feliz o povo que cultua os seus ancestrais, como acontece neste Museu da Família Colonial. Muito me comoveu também em Blumenau ver o rio Itajaí Açu e o vapor Blumenau. Sou neta de Jacob Arnt, fundador da Navegação Arnt no rio Taquari, RGS. Aqui tive gratas recordações. Parabens Blumenau! Parabens, Sta. Catarina — Clesnita Arnt Baumhardt — professora pública aposentada".

— * ● * —

— "Lição de civismo, dá Blumenau cultuando seu passado. Seu amor pela história da cidade, que foi feita de desconforto e a saudade da pátria distante. A arquitetura tradicional alemã, reconstituída em Blumenau pelos seus melhores artesãos, atesta a grandiosidade da raça germânica. Exemplo belo a ser lembrado pelas outras colonizações por esses brasis afora! — Gil Mandas Coelho — arquiteto — rua Consolação, 3407, casa 15, São Paulo".

— * ● * —

— "Tudo é maravilhoso. É muito importante que nos dias de hoje se possa conhecer coisas de mais de cem anos atrás. Lindo principal-

mente pelo estado de conservação — Anilde, José Roberto, Mehie Hanashine, Luiz Hanashine, excursionistas de São Paulo'.

— *●* —

— "Este museu é um tesouro e ninguém que vem a esta bela cidade deve deixar de visitá-lo — Henriqueta Colli Marques — São Paulo".

— *●* —

— "Parabens por tudo, mas o melhor foi a vossa preocupação em nos fornecer o catálogo, que normalmente em museu não há e deixam os visitantes perdidos — Denise — Porto Alegre".

— Não só pelo museu mas também pelo mini-zoológico, que é realmente interessante — Ricardo — São Paulo.

— *●* —

— Este museu vale a pena ser visto nela variedade de coisas que apresenta. Simplesmente maravilhoso. Ana, Willy, Ida e Denise. — São Leopoldo, RGS.

— *●* —

— Este museu é digno de ser visitado, pela beleza que conserva. Ficará sempre em nossa lembrança. — Rose e Calixto Wunzel — Porto Alegre.

— *●* —

— O Museu da Família Colonial é realmente emocionante e ilustra bem a riqueza de povos que fizeram desta terra um grande país. — A. G. S. Gravatái — RGS.

— *●* —

— Magnífica testemunha da cultura germânica em terras do Brasil — Excelente trabalho de preservação de nossos valores brasileiros — Leticia Medenauer Carvalho Cavalcanti — Rio de Janeiro.

— *●* —

— Tudo o que se relaciona com os nossos antepassados é válido mas o Museu da Família Colonial, que é a casa do imigrante, é sem dúvida muito mais que isto. — Sueli Fleck — Pelotas — RGS.

— *●* —

— Entre as maravilhosas lembranças da viagem, a visita a este Museu e ao Parque "Edith Gaertner" ficará muito gravada. — Ronei Fleck — Pelotas — RGS.

— *●* —

— Aproveitamos a visita para mostrar aos nossos filhos um pouco do muito que a colonização de seus avós fez pelo Brasil — Eunice Fleck — Pelotas — RGS.

— *●* —

— Blumenau está de parabens pela iniciativa e a administração conservação impecável desta casa de cultura. — José Matos Tavares — Rio.

MENSAGENS QUE CONFORTAM

"Blumenau em Cadernos" nasceu do idealismo de um homem, cuja memória é reverenciada, hoje, em todo o Estado de Santa Catarina: o saudoso Professor José Ferreira da Silva. Esse idealismo, que contaminou a tantas pessoas, continua vivo no meio de muitos catarinenses que colaboram decisivamente para que a revista continua aparecendo regularmente, trazendo, no seu conteúdo, assuntos que representam contribuição para o enriquecimento da nossa história. Hoje, no entanto, abrimos um espaço para registrar o recebimento de uma carta procedente de São Paulo, cujo teor não é homenagem para os que hoje dirigem, redigem e colaboram para o aparecimento regular da revista. A homenagem maior é para o polígrafo Ferreira da Silva, que criou a revista que agora atinge os seus vinte anos de circulação. Por isso, vamos transcrever a carta que acabamos de receber da estudante paulista Vera Lúcia Filinto:

"São Paulo, 31 de Janeiro de 1978. — Prezados membros da Fundação "Casa Dr. Blumenau". — Sou estudante de História da Universidade de São Paulo e foi com grande satisfação e entusiasmo que vim a tomar conhecimento da revista "Blumenau em Cadernos" (Tomo XVIII, nr. 9, setembro de 1977), exemplar que me chegou às mãos casualmente, durante uma rápida passagem pela cidade de Blumenau em janeiro do corrente ano de 1978.

O fascículo em questão me impressionou otimamente, já que se trata de uma publicação muito rica em termos de contribuição para o estudo dos inúmeros aspectos da história catarinense. Assim sendo, parabenizo os responsáveis pelo "Blumenau em Cadernos", tendo em vista o grande serviço que estão prestando à comunidade e à história, através de seu trabalho.

Aproveito ainda, para indagar da possibilidade de efetuar uma assinatura do "Blumenau em Cadernos" deste ano (1978) e recebê-lo regularmente em São Paulo. Peço, gentilmente, que me informem a respeito da assinatura, assim como a maneira de proceder para enviar o dinheiro e qual a quantia a ser enviada. Meu endereço (onde chega correspondência), é rua Dr. Mário Ferraz, 220 — sétimo andar — São Paulo, capital. — Agradeço a atenção e aguardo resposta. Atenciosamente. Vera Lúcia Filinto".

Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral

É com muito pesar que registramos nesta edição de fevereiro, o falecimento, ocorrido dia 17 do corrente mês, às 14 horas, em sua residência, do médico, professor, historiador e escritor Oswaldo Rodrigues Cabral.

Com o seu desaparecimento, Santa Catarina perde uma das mais destacadas figuras de nossas letras e um dos maiores pesquisadores de nossa história.

Formado em medicina e antropologia, o dr. Oswaldo Cabral, até sua morte, publicou 77 obras versando sobre Medicina, Antropologia, Folclore, História e Ficção.

Foi um dos mais assíduos e destacados colaboradores de "Blumenau em Cadernos" desde os primeiros números editados por Ferreira da Silva.

Ainda em recente visita que a direção da Fundação "Casa Dr. Blumenau" lhe fez ha questão de vinte dias, o Príncipe dos Historiadores Catarinenses afirmava estar ansioso por preparar mais uma série de artigos para a revista "Blumenau em Cadernos", mas que desejava primeiramente eliminar um pequeno mal que o afligia e que vinha impedindo que ele tivesse a tranquilidade necessária para poder escrever como o desejava.

Na coleção dos XVIII Tomos de nossa revista, representando vinte anos de edições contínuas, encontramos trabalhos preciosos do ilustre falecido e que imortalizarão, assim como as suas obras editadas, a sua memória através dos séculos.

Ao fazer este registro, "Blumenau em Cadernos" apresenta à viuva dona Olivia Ramos Cabral e aos demais familiares, a manifestação do mais profundo pesar pela perda do ente querido que, para nós, foi um dos mais destacados colaboradores e dileto amigo.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten* - presidente
Jornalista Honorato Tomelim vice-presidente

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão* - *Prof. Antônio Boing Neto* -
Comerciante Arno Letzow - *Advogado Beno Frederico Weiers* -
Repres. Comercial Heinz Hartmann - *Prof. Nelo Osti* - *Prof.*
Olívio Pedron - *Repres. Comercial Otto Iaczynski* e *Indus-*
trial Rolf Ehlke

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A L I V R A R I A D E S E U F I L H O
R U A 1 5 D E N O V E M B R O , 1 4 2 2 / 2 4 - F O N E 2 2 - 2 6 2 7 - C . P . 6 5 1
I N D Ú S T R I A - R U A A M A Z O N A S , 1 5 0 5 / 3 1 - F O N E 2 2 - 3 6 2 7 - G A R C I A

BLUMENAU - STA. CATARINA